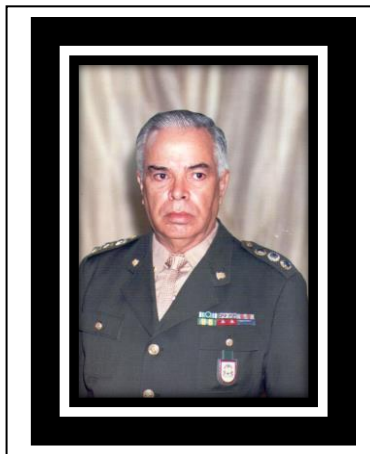


# O Exército na I Guerra Mundial

Com Oficiais de sua Comissão de Estudos de Operações e de Aquisição de Material na França



Cel Claudio Moreira Bento  
Historiador Militar e Jornalista



. General de Divisão José Pessoa Presidente do Clube Militar 1944~1946 durante a Participação da FEB na Itália foi dos mais bravos combatente brasileiros na 1ª Guerra Mundial e o que mais trouxe idéias que implantou em nosso Exército. A participação de oficiais brasileiros nos combates na 1ª Guerra Mundial no Exército da França só foi possível em razão do funcionamento, em

1918/19, da Comissão de Estudos de Operações e de Aquisição de Material na França, composta de 24 oficiais sob a chefia do general-de-brigada Napoleão Felipe Aché. A missão dos seus integrantes não era combater, mas procurar absorver a maior quantidade possível de conhecimentos da doutrina militar francesa e adquirir o material necessário à sua implantação no Brasil.

Isto tornou-se indispensável, em razão, principalmente, do período de declínio doutrinário que o Exército viveu desde o seu retorno da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e evidenciado no combate a Guerra Civil no Sul 1893-1895 e em 1897 em Canudos.

O descaramento pelo Império, o envolvimento político consequente e a influência do Positivismo contribuíram para afastar o Exército da sua missão principal. Em 1905 ele despertou para este crucial problema e dinamizou as reformas iniciadas com a criação do Estado-Maior do Exército, em 1896, que em muito contribuíram para remediar a situação precária de então. Reforma liderada por militares filhos de veteranos destacados da Guerra da Tríplice Aliança como Bittencourt, Mallet, Argolo e Hermes, da Fonseca dentre outros.

Mas outro fato de repercussão mundial exigiu muito mais do que uma reforma no ensino militar, que as leis e os regulamentos não poderiam por si só proporcionar: a Revolução Industrial. Esta foi, inegavelmente, a grande mola que tirou do imobilismo todas as estruturas obsoletas de antes. Nos países mais desenvolvidos da Europa, os seus exércitos refletiram tal progresso.

Ao Brasil distante, só restou tentar recuperar o tempo perdido e partir à procura de uma atualização de sua ultrapassada doutrina militar. E isto tornou-se possível, em parte, com o envio da citada Comissão à França, já que não foi possível mandar uma força expedicionária, por razões óbvias, embora muitos políticos assim o desejassem na ocasião.

A Comissão era composta dos seguintes membros: — Chefe: Gen Bda Napoleão Felipe Aché; — Subchefe: Ten Cel José Fernandes Leite de Castro; — Secretário: 29 Ten Octávio Monteiro Aché; — Administração: 19 Ten José Nery Eubank Câmara; — Veterinária: Maj Med Joaquim Moreira Sampaio; — Aviação: 19 Ten Alzir Mendes Rodrigues Lima, 29 Ten Mário Barbedo e 29 Ten Bento Ribeiro Carneiro Monteiro; — Artilharia: 19 Ten Demócrito Barbosa, 19 Ten Sebastião do Rego Barros e 29 Ten Carlos de Andrade Neves; — Infantaria: Maj Tertuliano de Albuquerque Potiguara, Cap Praxedes Theódulo da Silva Junior e 29 Ten Onofre Muniz Gomes de Lima; — Cavalaria: Maj Firmino Antônio Borba, 19 Ten Isauro Reguera, 19 Ten José Pessoa Cavalcante de Albuquerque e 19 Ten Critóvan de Castro Barcellos; — Saúde: Maj Med Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão, Cap Cleomenes Lopes de Siqueira Filho, Cap Med João Afonso de Souza Ferreira, Cap Med Alarico Damázio, Cap Med João Florentino Meira, Cap Med Manoel Esteves de Assis e 19 Ten Med Carlos da Rocha Fernandes.

Desses, nove eram egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre.

Simultaneamente, funcionou na França o Hospital Franco-Brasileiro, que foi, ao término da guerra, doado integralmente à Escola de Medicina de Paris. Nele, 83 médicos brasileiros chefiados pelo Dr Nabuco de Gouvêa labutaram compondo a Missão Médica Militar.

Tanto os membros da Comissão, como os da Missão Médica deram, direta ou indiretamente, contribuições à Doutrina do Exército brasileiro. Muitos desses oficiais deram provas cabais de coragem, sangue-frio e devotamento, consagrando-se como heróis do Exército francês, conforme se constata pela leitura de suas respectivas Fés-de-ofício, que registraram oito deles, promovidos por atos de bravura na França.

É válido salientar aqui, que é fato único de nossa História a atuação de oficiais que, na busca de atualização de uma doutrina militar, tiveram que combater.

Dentre as contribuições notáveis à doutrina, a curto e médio prazo, pode-se relacionar a

influência na contratação da Missão Militar Francesa, a introdução dos blindados, a reformulação do ensino, a idealização e construção da AM AN, a implantação da aviação militar com três desses oficiais enviados à França, o emprego dos gases, além da doutrina da Artilharia de Costa.

Também constituiu contribuição a publicação de vários artigos de interesse da instrução da Força Terrestre, a respeito das observações da guerra e das técnicas mais adiantadas acerca de assuntos doutrinários.

Essas contribuições se fizeram notar, de um modo geral, em todo o Exército brasileiro durante o período que se estendeu até a II Guerra Mundial e, particularmente nas doutrinas de emprego da Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Blindados, Aviação e Saúde.

Alguns dos componentes daquela Comissão galgaram os mais elevados postos da hierarquia militar, e é inegável que tenham influenciado de alguma forma nos processos doutrinários, pelas suas atuações.

A oportunidade e o tema ensejam que sejam alinhadas as seguintes idéias à nossa reflexão:

— Que o Exército é um instrumento de que dispõe o poder político para continuar a sua ação em lutas internas e externas, por outros meios;

— Que o poder político de uma nação é o maior responsável pela preparação de seu Exército à altura, para ser empregado com eficiência na ocorrência de uma luta interna e/ou externa. Assim, o pálido desempenho do Exército brasileiro em Canudos (1896/7) tributa-se mais ao poder político, representado pelo Império (1870'-1889) e pela República (1889-1896), do que a ele próprio, instrumento desse poder e por ele descurado, por razões que aqui não cabe abordá-las;

— Que a eficiência operacional de um Exército não é construída de uma hora para a outra. Constitui-se de um mutirão patriótico envolvendo chefes, pensadores, planejadores, instrutores, instruídos, escritores e historiadores em trabalho harmônico e coordenado e, sobretudo, de vontade política para ser levado a bom termo;

— Que o envolvimento político do Exército e a alocação de expressiva parcela do mesmo sob a influência do Positivismo, inclusive difundido na Escola Militar da Praia Vermelha, foi causa da formação de oficiais bacharéis em ciências físicas e matemáticas, em divórcio com as realidades da segurança nacional, interna e externa. Este fato provocou o fechamento daquela Escola em 1904 e a adoção do Regulamento de Ensino de 1905, implementado na Escola de Guerra de Porto Alegre (1906/11), que produziu bons frutos, conforme comprova o presente estudo pela atuação de alguns oficiais dela egressos, na I Guerra Mundial.

— Ser impositivo um permanente e responsável processo de autocrítica no Exército brasileiro, no seu mais alto nível, para que ele tenha a certeza de estar trilhando o rumo certo no seu processo evolutivo e não estar desviado deste, como aconteceu de 1874 a 1904, conforme aqui ficou evidenciado. E como conceber disciplina, hierarquia e crítica militar sadia, o ministro José Caetano de Faria foi exemplar, diante dos 'jovens turcos';

— Ser impositivo, igualmente, que ele acompanhe a evolução doutrinária dos outros exércitos, como no caso em tela, paralelamente com o estudo crítico de sua história de quase quinhentos anos de lutas internas e externas predominantemente vitoriosas. E como resultado, procure desenvolver uma doutrina progressivamente nacionalizada dentro das realidades sul-americanas e de seus possíveis compromissos internacionais.

Tudo isso deve levar-nos a uma conscientização de que devemos estar permanentemente voltados para o aperfeiçoamento profissional e em busca do acompanhamento dos progressos da doutrina militar. Esta deve constituir a própria razão da existência do Exército brasileiro, para que não seja mais necessário recorrer a fórmulas adotadas no passado e passar pela estagnação e mesmo involução de 1874/1904 e por culpa da ênfase do ensino

das ciências físicas e matemáticas em detrimento da arte da guerra, a arte do soldado.

Felizmente a História existe para ser explorada como instrumento de conhecimento do passado para entendimento do presente e para a orientação segura do futuro, evitando repetirem-se graves erros.

Finalizando, e como homenagem ao general Ferdinand Foch, ex-professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França, de onde foi retirado para comandar os Exércitos Aliados e, portanto, comandou os heróicos oficiais brasileiros aqui focalizados, reproduzimos em letras de destaque este seu pensamento ainda atual:

“Para sustentar, em tempo de paz, o cérebro de um Exército e prepará-lo para a guerra, não há livro mais fecundo em meditações do que o da História Militar.”